

MARCEL PROUST

NO CAMINHO  
DE SWANN

*Tradução*  
Mario Quintana

*15ª Edição, revista por*  
*Maria Lúcia Machado*



Título do original francês:  
*Du côté az chez Swann*

Capa: Moema Cavalcanti  
Composição: Artesilo Ltda.

Direitos exclusivos desta edição em língua portuguesa  
para o Brasil adquiridos por  
EDITORA GLOBO S.A.  
Rua do Curtume, 665, CEP 05065-001, São Paulo,  
Tel.: (011) 874-6000, Fax: (011) 864-0271, SP,  
Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Impressão e Acabamento OESP GRAFICA S.A.

---

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte — Câmara Brasileira do Livro, SP

Proust, Marcel, 1871-1922.

No caminho de Swann / Marcel Proust; tradução Mario Quintana.  
— 15. ed. / por Maria Lúcia Machado. — São Paulo : Globo, 1993.  
(Em busca do tempo perdido; I)

ISBN 85-250-0424-3 (obra completa)

ISBN 85-250-0425-1 (volume I)

1. Romance francês I. Quintana, Mario. 1906 - II. Título. III. Série.

87-2271

CDD-843.91

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Século 20 : Literatura francesa 843.91
2. Século 20: Romances : Literatura francesa 843.91

## SUMÁRIO

Combray 7

Um amor de Swann 185

Nomes de terras: o nome 367

Enquanto a criada de cozinha — fazendo brilhar involuntariamente a superioridade de Françoise, como o Erro, pelo contraste, torna mais retumbante o triunfo da Verdade — servia café que, segundo mamãe, não passava de água quente, e levava depois a nossos quartos água quente que era apenas morna, eu me estendera no leito, com um livro na mão, em meu quarto, que protegia, tremendo, sua frescura transparente e frágil contra o sol da tarde, por detrás de seus postigos quase fechados, por onde um reflexo de luz havia no entanto conseguido passar suas asas amarelas, permanecendo imóvel em um canto, entre a madeira e a vidraça, como uma borboleta em repouso. A claridade do quarto era o quanto bastava para ler, e a sensação do esplendor da luz apenas me era dada pelas batidas vibradas por Camus na rua da Paróquia (avisado que fora por Françoise de que minha tia “não estava repousando” e se podia fazer barulho) contra caixões poeirentos, batidas que, retinindo na atmosfera sonora, própria dos climas quentes, pareciam fazer voar ao longe astros escarlates; e também pelas moscas que executavam diante de mim um pequeno concerto, como que a música de câmara do estio: não o evoca à maneira de uma ária de música humana que, ouvida por acaso nessa estação, nos faz lembrá-la em seguida; está unida ao verão por um elo mais necessário: nascida dos belos dias, só renascendo com eles, contendo um pouco de sua essência, não lhes desperta apenas a imagem em nossa memória, mas certifica-lhes a vólta, a presença efetiva, ambiente, imediatamente acessível.

Aquele umbroso frescor de meu quarto estava para a luz plena da rua como a sombra está para o raio de sol, quer dizer, tão luminoso como ele, e oferecia a minha imaginação o espetáculo total do estio, que meus sentidos, se eu estivesse em passeio, só poderiam gozar fragmentariamente; e assim se adaptava bem ao meu repouso que (graças às aventuras contadas em meus livros e que acabavam de o agitar) suportava, semelhante ao repouso de uma mão imóvel no meio de uma correnteza, o choque e a animação de uma torrente de atividade.

Mas, mesmo que o tempo se alterasse e tivesse vindo uma tormenta ou um simples chuvisco, minha avó ia rogar-me que saísse. E como eu não queria interromper a leitura, ia ao menos continuá-la no jardim, debaixo do castanheiro, em uma espécie de guarida de esparto e lona, ao fundo da qual me assentava,

julgando-me oculto aos olhos das pessoas que acaso viessem de visita a meus pais.

E acaso não era também meu pensamento um refúgio em cujo fundo me sentia oculto, até mesmo para olhar o que se passava fora? Quando via um objeto exterior, a consciência de que o estava vendo permanecia entre mim e ele, debruava-o de uma tênue orla espiritual que me impedia de jamais tocar diretamente sua matéria; esta como que se volatilizava antes que eu estabelecesse contato com ela, da mesma forma que um corpo incandescente, ao aproximar-se de um objeto molhado, não toca sua umidade, porque se faz sempre preceder de uma zona de evaporação. Na espécie de tela colorida de diferentes estados, que minha consciência ia desenrolando simultaneamente enquanto eu lia e que iam desde as aspirações mais profundamente ocultas em mim mesmo até a visão puramente exterior do horizonte que tinha ante os olhos, o que havia de principal, de mais íntimo em mim, o leme em incessante movimento que governava o resto, era minha crença na riqueza filosófica, na beleza do livro que estava lendo, qualquer que fosse esse livro. Pois, ainda que o houvesse comprado em Combray, ao vê-lo na loja de Borange (muito longe de casa para que Françoise pudesse ir buscá-lo como no Camus, mas melhor sortida em artigos de papelaria e livraria) sustido por atilhos em meio do mosaico das brochuras e fascículos que coloriam as duas folhas de sua porta, mais misteriosa, mais semeada de pensamentos que uma porta de catedral, é porque me lembrara de o ter ouvido citar como uma obra notável pelo professor ou camarada que me parecia possuir naquela época o segredo da verdade e da beleza, meio presentidas, meio incompreensíveis, e cuja posse era a finalidade vaga mas permanente de meu pensamento.

Depois dessa crença central que, durante a leitura, executava incessantes movimentos de dentro para fora, em busca da verdade, vinham as emoções que proporcionava a ação em que eu tomava parte, pois aquelas tardes eram mais povoadas de acontecimentos dramáticos do que, muitas vezes, uma vida inteira. Esses acontecimentos eram os que sucediam no livro que eu lia; na verdade, as personagens a quem afetavam não eram "reais", como dizia Françoise. Mas todos os sentimentos que nos fazem experimentar a alegria ou o infortúnio de uma personagem real só se produzem em nós por intermédio de uma imagem dessa alegria ou desse infortúnio; todo o engenho do

primeiro romancista consistiu em compreender que, sendo a imagem o único elemento essencial na estrutura de nossas emoções, a simplificação que consistisse em suprimir pura e simplesmente as personagens reais seria um aperfeiçoamento decisivo. Um ser real, por mais profundamente que simpatizemos com ele, percebemo-lo em grande parte por meio de nossos sentidos, isto é, continua opaco para nós, oferece um peso morto que nossa sensibilidade não pode levantar. Se lhe sucede uma desgraça, esta só nos pode comover em uma pequena parte da noção total que temos dele, e ainda mais, só em uma pequena parte da noção total que ele tem de si mesmo é que sua própria desgraça o poderá comover. O achado do romancista consistiu na idéia de substituir essas partes impenetráveis à alma por uma quantidade igual de partes imateriais, isto é, que nossa alma pode assimilar. Desde esse momento, já não importa que as ações e emoções desses indivíduos de uma nova espécie nos apareçam como verdadeiras, visto que as fizemos nossas, que é em nós que elas se realizam e mantêm sob seu domínio, enquanto viramos febrilmente as páginas, o ritmo de nossa respiração e a intensidade de nosso olhar. É uma vez que o romancista nos pôs nesse estado, no qual, como em todos os estados puramente interiores, cada emoção é duplicada, e em que seu livro vai nos agitar como um sonho, mas um sonho mais claro do que aqueles que sonhamos a dormir e cuja lembrança vai durar mais tempo, eis que então ele desencadeia em nós, durante uma hora, todas as venturas e todas as desgraças possíveis, algumas das quais levaríamos anos para conhecer na vida, e outras, as mais intensas dentre elas, jamais nos seriam reveladas, pois a lentidão com que se processam nos impede de as perceber (assim muda nosso coração, na vida, e esta é a mais amarga das dores; mas é uma dor que só conhecemos pela leitura, em imaginação; porque na realidade o coração se nos transforma do mesmo modo por que se produzem certos fenômenos da natureza, isto é, com tamanho vagar que, embora possamos ver cada um de seus diferentes estados sucessivos, por outro lado escapa-nos a própria sensação da mudança).

Já menos interior a meu corpo que essa vida das personagens, vinha em seguida, vagamente projetada diante de mim, a paisagem onde se desenrolava a ação e que exercia em meus pensamentos muito mais influência que a outra, aquela que eu tinha à vista quando erguia os olhos do livro. Foi assim que

sentí durante dois verões, no calor do jardim de Combray, por causa de um livro que estava lendo, a nostalgia de um país montanhoso e fluvial, onde eu veria muitas serrarias e onde, no fundo da água transparente, apodreciam pedaços de madeira sob tufos de agrião; e não longe dali, subiam ao longo de muros baixos umas flores violáceas e avermelhadas. E como sempre me estivesse presente ao espírito o sonho de uma mulher que deveria amar-me, este sonho, naqueles verões, todo se impregnou do frescor das águas correntes e, qualquer que fosse a mulher evocada, umas trepadeiras de flores avermelhadas e violáceas logo se erguiam de cada lado seu, como cores complementares.

E não era somente porque uma imagem com que sonhamos seja sempre marcada, embelezada e enriquecida pelo reflexo das coisas estranhas que por acaso a cercam em nosso sonho; pois as paisagens dos livros que eu lia não eram para mim apenas mais vivamente representadas na imaginação do que as paisagens que Combray oferecia a meus olhos, ainda que houvessem sido análogos. Pela escolha que fizera o autor, pela fé com que meu pensamento ia ao encontro de sua palavra, como de uma revelação, elas se me afiguravam — impressão que absolutamente não dava a região onde eu vivia, e muito menos nosso jardim, produto sem prestígio da correta fantasia do jardineiro que minha avó desprezava — uma parte verdadeira da própria Natureza, digna de ser estudada e aprofundada.

Se, quando eu lia um livro, meus pais me permitissem visitar as regiões nele descritas, julgaria ter dado um passo inestimável na conquista da verdade. Pois, se temos sempre a sensação de estar cercados pela própria alma, não quer dizer que ela nos cinja como os muros de uma prisão imóvel; antes somos como que arrastados com ela em um perpétuo impulso para ultrapassá-la, para atingir o exterior, com uma espécie de desânimo, ouvindo sempre, em torno de nós, essa idêntica sonoridade, que não é o eco de fora, mas o ressoar de uma vibração interna. Tentamos achar nas coisas, que por isso nos são preciosas, o reflexo que nossa alma projetou sobre elas, e desiludimo-nos ao verificar que as coisas parecem desprovidas, na natureza, do encanto que deviam, em nosso pensamento, à vizinhança de certas idéias; e muitas vezes convertemos todas as forças dessa alma em habilidade, em esplendor, para influir em seres que sentimos situados fora de nós e que jamais alcan-

çaremos. E assim, embora imaginasse sempre em torno da mulher amada os locais que eu então mais desejava, e suspirando por que fosse ela quem me levasse a visitá-los, que me abrisse o acesso a um mundo desconhecido, não era isso devido ao acaso de uma simples associação de idéias; não, é que meus sonhos de viagem e de amor não eram senão momentos — que hoje separo artificialmente como se efetuasse cortes a diversas alturas de um repuxo irisado e em aparência imóvel — de um mesmo e infatigável manar de todas as forças de minha vida.

Continuando enfim a seguir de dentro para fora os estados simultaneamente justapostos em minha consciência, e antes de chegar ao horizonte real que os envolvia, descubro prazeres de outro gênero: estar bem acomodado em meu canto, sentir o cheiro bom do ar, não ser perturbado por nenhuma visita; e, quando batia a hora na torre de Santo Hilário, assistindo tombar pedaço por pedaço aquela parte já consumada da tarde, até ouvir a última badalada que me permitia efetuar a soma e após a qual havia um longo silêncio que parecia marcar o início, no céu azul, de toda a parte que me era ainda concedida para ler até a hora do bom jantar que Françoise preparava e que me reconfortaria das fadigas adquiridas na leitura para acompanhar o herói do livro. E, a cada hora, parecia-me fazer apenas alguns instantes que soara a precedente; a mais recente vinha inscrever-se bem junto da outra no céu e eu não podia acreditar que sessenta minutos tivessem cabido naquele pequeno arco azul compreendido entre os dois marcos de ouro. Às vezes aquela hora prematura dava duas badaladas mais que a última, batera pois uma hora que eu não tinha escutado, e alguma coisa acontecera que para mim não tinha acontecido; o interesse da leitura, mágico como um profundo sono, enganava meus ouvidos alucinados e apagava o sino de ouro na superfície azul do silêncio. Belas tardes de domingo passadas debaixo do castanheiro do jardim de Combray, que eu cuidadosamente esvaziava de incidentes medíocres de minha vida pessoal, pondo em seu lugar uma vida de aventuras e aspirações estranhas, no seio de um país regado de águas vivas, ainda me evocais essa vida quando penso em vós, e na verdade a contendes, porque pouco a pouco a feis cercando e cerrando — enquanto eu avançava na leitura e tombava a calma do dia — no cristal sucessivo, vagorosamente mutável e através-



sado de folhagens, de vossas horas silenciosas, sonoras, odorantes e límpidas.

As vezes, no meio da tarde, era eu arrancado à leitura pela filha do jardineiro que corria como uma louca, esbarrando em uma laranjeira, cortando um dedo, quebrando um dente, mas gritando: "Aí vêm eles! aí vêm eles!" para que Françoise e eu corrêssemos e não perdêssemos nada do espetáculo. Era nos dias em que, por motivo das manobras da guarnição, a tropa atravessava Combray, tomando geralmente pela rua de Santa Hildegarda. Enquanto nossos criados, sentados em fila do lado de fora das grades, olhavam os passeantes domingueiros e faziam-se olhar por eles, a filha do jardineiro, pelo intervalo de duas distantes casas da avenida da Estação, vislumbrava o fulgir dos capacetes. Os criados tinham recolhido precipitadamente as cadeiras, pois quando os couraceiros desfilavam pela rua de Santa Hildegarda, enchiam-na em toda a sua largura, e o galope dos cavalos renteava as casas, cobrindo as calçadas, submersas como ribas que oferecem um leito demasiado escasso a uma torrente desencadeada.

— Pobres meninos! — dizia Françoise, logo que chegava às grades e já com os olhos rasos d'água. — Serão ceifados como erva! Só de pensar nisso me dá um choque — acrescentava, pondo a mão no coração, ali onde recebera aquele *choque*.

— Que coisa bonita ver rapazes que não ligam à vida, não é, senhora Françoise? — dizia o jardineiro para arrelia-la. E não tinha falado em vão.

— Que não ligam à vida? Mas a que mais se deve ligar, senão à vida, o único presente que o bom Deus nunca faz duas vezes? Ah! meu Deus! E no entanto não ligam mesmo! Eu os vi em 70; não têm mais medo da morte, com essas miseráveis guerras; não passam de uns loucos, sem tirar nem pôr; e não valem a corda que os enforque; não são homens, são leões. (Para Françoise, comparar um homem a um leão, que ela pronunciava le-ão, nada tinha de lisonjeiro.)

A rua de Santa Hildegarda virava muito bruscamente para que se pudesse avistar de longe os soldados, e por aquela fenda entre as duas casas da avenida da Estação é que se viam, incessantemente, novos capacetes correndo e brilhando ao sol. O jardineiro desejava saber quantos ainda faltariam passar e, de resto, tinha sede, pois o sol escaldava. Então sua filha,